



## NEGRO DRAMA: O RAP RASURA A HISTÓRIA

Allysson Fernandes Garcia<sup>1</sup>

### Resumo:

O ensino de História no Brasil tem negligenciado a África, a cultura negra e os afro-descendentes. O Brasil recebeu aproximadamente a metade dos africanos escravizados traficados para o novo mundo. Durante o período colonial relações econômicas e políticas aproximavam África e Brasil, aproximação que foi modificada ao longo do século XIX e início do século XX, por uma política de silenciamento e tentativa de apagamento desta aproximação. Esta política ainda reflete nesta negligência que opera uma tentativa de desconexão entre o Brasil e a África, e uma de suas conseqüências é o menosprezo pelos afro-descendentes. No entanto os afro-descendentes em diversos momentos romperam o silêncio, reconectaram o Brasil com a África – re-imaginada. Pretendo aqui apresentar um desses momentos, onde através do *rap* a juventude afro-descendente contemporânea tem rasurado a História.

**Palavras-chave:** História; Afro-descendentes; Rap

### Abstract:

The teaching of history in Brazil has failed to Africa, the black culture and the african-descendants. Brazil has received approximately half of the enslaved Africans trafficked to the new world. During the colonial period close political and economic relations Africa and Brazil, that approach was modified during the nineteenth century and beginning of the twentieth century, by a policy of silencing and attempt to erase this approach. This policy also reflects this neglect that operates an attempt to disconnect between Brazil and Africa and its consequences is the disregard by afro-descendants. However the afro-descendants in several moments broke the silence, Brazil reconnect with Africa - re-imagined. Here want to make one of those moments where through rap the youth contemporary afro-descendant has erased is history.

**Key-words:** History; Afro-descendants; Rap

*História oficial: invisibilidade e ambivalência*

---

<sup>1</sup> Mestre em História. Professor na Universidade Estadual de Goiás e Universidade Federal de Goiás. Goiânia-Brasil.  
allysson.garcia@gmail.com



**Anais**  
**V Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil**

A África, a cultura negra e os afro-descendentes são temas e agentes históricos silenciados na historiografia brasileira. Isto se reflete nos livros didáticos – currículo oficial – que caracterizam-se por representar uma história em grande parte européia, fruto de uma noção de história produzida pelos europeus, sobretudo a construção hegeliana de uma história da civilização e cultura enquanto produtos da razão, o sujeito cósmico universal, cristalizando a Europa e o ocidente como o lugar da agência histórica.

Enquanto historiador acabamos por nos defrontarmos com o dilema do historiador indiano Dipesh Chakrabarty, pois “escrever história implica permanecer sob a hegemonia disciplinar da Europa”(apud MIGNOLO, 2003, p. 280). Foram os europeus quem fundamentaram teorias e métodos, enfim, estabeleceram o que deveria ser a história enquanto ciência. Superar tal hegemonia, na proposta de Chakrabarty, só pode ser feito pela “provincialização da Europa”. Segundo Walter Mignolo, “provincializar a Europa” consiste,

(...) no reconhecimento de que a apropriação pela Europa do adjetivo *moderna* para si própria é uma parte da história global da qual a história do imperialismo europeu constitui uma parte indispensável; [e] na compreensão de que essa igualização (Europa = Moderna) de uma certa versão da Europa com a ‘modernidade’ não é obra apenas dos europeus; os nacionalismos terceiro-mundistas, como ideologias modernizadoras *par excellence*, foram igualmente cúmplices no processo (2003, pp. 280-281).

Assim, a história transmitida é uma história que enaltece uma idéia de modernidade, enquanto fruto da Europa e do ocidente. Neste sentido tudo que não é europeu seria então não moderno, ou pré-moderno. Esse idéia gerou uma perspectiva histórica para se pensar nossa identidade em que as fontes do exotismo são buscadas na África e as de racionalidade em outra parte, sobretudo na Europa. Segundo José Flávio Saraiva, o legado africano no Brasil é marcado por uma complexa ambigüidade, ora sendo reconhecido, ora sendo não-considerado.



Da mesma forma a idéia de democracia racial e do novo sujeito – mestiço – contribuiu para disseminar uma idéia de animosidade e de relações cordiais e amenas entre os grupos étnico-culturais que participaram da formação do Brasil. Idéias que serviram, ainda, para desenvolver uma alienação de identidade negra (MUNANGA, 2004). O ideal é o branco. O processo de miscigenação, propagado como nossa riqueza para o mundo, na verdade foi um processo de genocídio, um etnocídio do elemento negro. A miscigenação tem como finalidade o branco virtual (NASCIMENTO, 2003).

Por isso é importante “provincializar a Europa”, ultrapassar as disciplinas e produzir um conhecimento “trans”, não apenas uma prática transdisciplinar, mas também transmoderna, na definição de Glissant: “uma prática a partir do horizonte colonial da modernidade”(2005, p. 282).

### *O rap e a (na) História*

A interpretação do Brasil focalizada pelo *rap* acaba por ser um desdobramento dos discursos dos movimentos negros, dos movimentos e instituições de esquerda, das comunidades eclesiais de base, dos partidos políticos, das igrejas evangélicas no bojo das transformações sofridas na sociedade brasileira nos fins do século XX. A urbanização da década de 1980, quando 70% da população passou a viver na cidade (SANSONE, 2000), o processo de transição da ditadura para uma democracia, junto às ampliações tecnológicas são elementos do contexto em que essa interpretação foi construída.

O *rap* agrega a vivência das ruas, do aprendizado e trabalhos informais, e principalmente do não trabalho, ao mesmo tempo em que afirma uma arte não separada do cotidiano e das idéias de quem produz. O eu literário é uma mistura de profeta e visionário, um olho que tudo vê, e



transforma tudo em rima. Rimando a realidade para informar e conscientizar aqueles que não possuem acesso ao conhecimento:

O *rap* é uma manifestação que salvaguarda um comportamento crítico e propositivo dos problemas sociais que afligem uma parcela significativa dos jovens afro-descendentes. Os *rappers* constroem representações da sua própria realidade e de acordo com os interesses e as ideologias dos grupos. Eles fazem de sua realidade social, local, cultural e étnica o ponto de partida para rompimentos éticos, estéticos, simbólicos, históricos e imaginários da sociedade (TELLA, 2000, p. 230.).

O *Hip-Hop* é uma experiência artística que boa parte da juventude pobre e negra passa a vivenciar e produzir. No sentido do consumo, do lazer, da política, a *cultura hip-hop* contribuiu na ampliação do imaginário social juvenil durante a partir da década de 1990. Período em que o *rap* passa a ser um veículo de comunicação e diálogo entre jovens de diferentes países, culturas, raças, classes, gêneros etc. A voz dessa juventude foi ampliada e ouvida, incorporando a presença de novos atores na esfera pública nacional e regional, “novas etnicidades” produzidas no diálogo transnacional. Disseminação possibilitada por uma rede alternativa de comunicação, distribuição e consumo do discurso produzido pelos *rappers* alimentada ainda mais com o advento da internet e sua massificação.

Contundente ou político, comercial ou underground, o *rap* tem contribuído na luta por reconhecimento e transformação da situação degradante em que vive a população afro-descendente. Em uma interpretação do *Hip-Hop* no Brasil, Cunha Jr. afirma que ele “expressa uma identidade afro-descendente sem falar de negro e de raça” e essa expressão eleva a auto-estima e contribui na auto-realização individual e do grupo. A *cultura hip-hop* alcança e mobiliza “as grandes massas populares dos bairros, dos grupos de trabalhadores e desempregados”



realizando uma das utopias do Movimento Negro dos anos 1970, que seria a mobilização e o engajamento da massa popular à luta anti-racista (CUNHA JR., 2003).

Sendo assim, podemos considerar o *Hip-Hop* como uma vertente do Movimento Negro? Sim, se levarmos em conta dois fatores: primeiro que o discurso do *Hip-Hop* tem como um de seus objetivos “o reconhecimento do valor da comunidade afro-brasileira em termos étnico-culturais e a reversão das desigualdades socioeconômicas que atingem preferencialmente as populações negras” que é um dos objetivos do Movimento anti-racista brasileiro (D’ADESKY, 2005, p. 156); e em segundo o fato dos *rappers* manipularem os conceitos “consciência” e “conscientização”, conceitos que ocuparam desde a fundação do MNU, em 1978, “lugar decisivo na formulação das estratégias do movimento” em sua crítica ao discurso nacional hegemônico, condenando a “assimilação” e combatendo a “ideologia da democracia racial” (COSTA, 2006, p. 144). Mas devemos levar em conta que essa confluência não se dá sem conflitos e diferenças de concepções que também afastam o *Hip-Hop* do Movimento Negro. Para Antonio Sérgio A. Guimarães “a mobilização do carisma de raça tem, no Brasil, efeito muito mais circunscrito, apesar de fundamental” e a luta contra as desigualdades raciais é dificultada por que a sociedade brasileira não reconhece o racismo, vendo as desigualdades raciais como desigualdades sociais de classe e esse senso comum “fortemente estabelecido” perpassa o *Hip-Hop* (2005, p. 232).

Os herdeiros, os novos gurreiros/ Novos descendentes, afro-brasileiros/ Da periferia,  
lutam noite e dia/ Tão na correria como vive a maioria/ Guardam na memória, uma bela  
história/ De um povo guerreiro, então, cheio de glórias/ Zumbi, o líder desse povo tão  
sofrido/ E sem liberdade, pro quilombo eles fugiram/ Palmares, o local da nossa



Anais  
V Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil

redenção/ Pra viver sem corrente, sem escravidão/ Dandara, que beleza negra, jóia rara/  
A linda guerreira comandava a mulherada<sup>2</sup>

Em geral, o *rap* comunica e inclui na mesma luta aqueles que seriam “vítimas do sistema”. No “*ato de dizer*”, afirma a diferença, incorporando os “*outsiders*” à esfera pública através da repetição, ganhando notoriedade e espaço na mídia local contribuem na ampliação de uma “esfera pública negra”, um espaço, portanto, de enunciação.

Assim, é importante pensar a cultura como “lugar enunciativo” e “promulgador”, que abre a possibilidade para outros “‘tempos’ de significado cultural” e “outros espaços narrativos”. Processo que segundo Bhabha transforma os “outros objetificados” em “sujeitos de sua história e experiência”. As críticas negras e pós-coloniais “propõem formas de subjetividade contestatórias que são legitimadas no ato de rasurar políticas da oposição binária”. Constituem uma “noção aberta da coletividade negra, no ritmo mutante, deslizante do presente” através da “comunidade dialógica e performática da música negra” (2003, pp. 245-250).

O *rap* assim como diversas manifestações e contribuições dos afro-descendentes no Brasil vêm dizendo aquilo que a História negou-se a dizer. O caso da lei 10.639<sup>3</sup> e as pesquisas desenvolvidas sobre História e Cultura Africana e Afro-brasileira, têm sido vistas como um modismo que não contribuiria verdadeiramente para o entendimento da sociedade brasileira, principalmente quando as questões étnico-raciais são postas em discussão. Desqualificado enquanto política o debate é excluído por aqueles que se dizem compromissados apenas com a

---

<sup>2</sup> Rapping Hood. ‘Us Guerreiros’. In.: *Sujeito Homem 2*. São Paulo: Trama, 2005.

<sup>3</sup> Sancionada em 2003 pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, ela estabelece a obrigatoriedade do estudo de História e Cultura Afro-brasileira e africana.



ciência, como se esta não representasse suas concepções políticas, inseridas em suas concepções teóricas e de objetos de pesquisa

Ao questionar a aplicação de políticas públicas, projetos sociais e culturais que são criados à revelia daqueles que são os protagonistas e conhecedores da realidade da população visada, Ghóez contesta a prevalência do preconceito e a invisibilidade da contribuição negra para nossa constituição social, para ele estes fatores contribuíram para a permanência do racismo e das desigualdades sociais. Para uma determinada corrente que interpreta a sociedade brasileira aqui não existiria racismo e a desigualdade seria um estado inexorável dentro da sociedade em que vivemos, principalmente pela marca e herança deixada pela escravidão<sup>4</sup>.

A profusão de discursos e as lutas por representação desencadeadas no seio da *cultura hip-hop* têm contribuído na construção, manutenção e ampliação da diversidade na esfera pública. Assim, os *hip-hoppers* vão elaborando uma história descentrada, demonstrando através da arte produzida por eles outras possibilidades de convívio e ordenamento social. O espaço destinado à produção artística tem sido a arena de ampliação da participação através das políticas de plenitude e realização (GILROY, 2001). Estas políticas criaram novas possibilidades e aclamaria pela justiça emanada pelo discurso liberal.

#### *Cultura hip-hop e a necessária criouliização do mundo*

A *cultura hip-hop* atua na fronteira entre o local e o global, entre a hegemonia e a subalternidade, gerando efeitos imprevisíveis. Isto ocorre porque esta produção artística se constitui pelo pensamento “rastro/resíduo”, categoria construída por Édouard Glissant (2005)

---

<sup>4</sup> Uma importante contribuição na reformulação dessa interpretação no âmbito da História é o trabalho de Célia Maria Marinho de Azevedo: *Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites – século XIX*, 1987.



Anais  
V Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil

para nomear o pensamento derivado dos processos de *crioulização* iniciados nas Américas, em particular na chamada *Neo-América*. A *Neo-América* se constituiu pelo predomínio em seu povoamento de povos africanos, compreendendo o Caribe, o nordeste do Brasil, as Guianas e Curaçao, o sul dos Estados Unidos, a costa caribenha da Venezuela e da Colômbia, e uma grande parte da América Central e do México. A *crioulização* consiste no processo de recomposição cultural realizado pelos africanos a partir do que restou em suas memórias, uma vez que na “passagem do meio”, na travessia do Atlântico os africanos chegavam despojados “de tudo, de toda e qualquer possibilidade e mesmo despojados de sua língua”. A hipótese de Glissant é a de que o “*mundo se criouliza*” cada vez mais, pois segundo ele:

(...) hoje, as culturas do mundo colocadas em contato umas com as outras de maneira fulminante e absolutamente consciente transformam-se, permutando entre si, através de choques irremissíveis, de guerras impiedosas, mas também através de avanços de consciência e de esperança que nos permite dizer – sem ser utópico e mesmo sendo-o – que as humanidades de hoje estão abandonando dificilmente algo em que se obstinavam há muito tempo – a crença de que a identidade de um ser só é válida e reconhecível se for exclusiva, diferente da identidade de todos os outros seres possíveis (2005, p. 18).

Portanto, não faz sentido construir uma interpretação que busque unidade e harmonia. Para que a *crioulização* se efetue verdadeiramente, devemos aceitar que os elementos culturais postos em presença uns dos outros “devam ser obrigatoriamente ‘equivalente em valor’” (Idem, p. 21). Diferindo, porém, do pensamento sistema – que tem prevalecido na produção historiográfica brasileira –, este pensamento segundo Glissant apresenta uma falsa universalidade e um caráter conquistador e mortal. Já a *crioulização* exige que os elementos heterogêneos colocados em relação “se intervalorem”, “não havendo degradação ou diminuição do ser nesse contato e nessa mistura” (Ibidem, p. 22). A tendência dessa *crioulização* do mundo, em que para



nós a *cultura hip-hop* tem tido papel fundamental, é a transformação da paisagem de “cenário conveniente”, “invólucro passivo da toda-poderosa Narrativa”, para tornar-se “um personagem do *drama* da Relação”, uma dimensão “mutante e perdurável de toda mudança e de toda troca” (Ibidem, p. 30).

Na sua imprevisibilidade, a *crioulização* amplia a diversidade através de suas “manifestações inesperadas”, “contraditórias”, e principalmente ao aproximar elementos heterogêneos e às vezes distantes uns dos outros para produzir algo novo. Assim devemos levar em conta o ato poético, como um conhecimento do real, que quebra o absoluto ocidental, e estabelece uma relação com o mundo. Neste sentido poderemos enxergar a *cultura hip-hop* dentro do *continuum* estabelecido pelos discursos dos afro-descendentes, na “luta por reconhecimento”, enquanto uma contribuição para a transformação da “mentalidade das humanidades”. Sem se ater apenas ao “humanismo, à bondade, à tolerância, que são tão fugitivos”, esta transformação produz ensinamentos os quais conduzem a entrada nas mutações decisivas da “pluralidade consentida como tal”. Estes ensinamentos ajudam a pensar o outro não como inimigo, como o diferente que nos corrói, contribuindo na construção de um imaginário onde não apenas sonhemos como o mundo é, mas que penetremos nele, fazendo Relação.

Esperamos assim ter nos aproximado e contribuído para demonstrar a importância de novos caminhos para escrever histórias que extrapolem as reificações e fixações da identidade em nome da diversidade, da relação e principalmente do respeito. Ao procuramos inserir a história da *cultura hip-hop* a partir de Goiânia, dentro de um espectro maior de “lutas por reconhecimento” desencadeadas pelos afro-descendentes no Atlântico Negro, acabamos por nos aproximarmos do pensamento “rastro/resíduo”, abandonando a idéia de raiz fixa e profunda, pela idéia de rizoma, em sua extensão e descentramento, e assim, nos aproximar do caráter



imprevisível das interações e misturas culturais presentes no mundo contemporâneo.

Essa novidade do “caos-mundo”, que segundo Glissant, seria “o choque, o entrelaçamento, as repulsões, as atrações, as convivências, as oposições, os conflitos entre as culturas e povos na totalidade-mundo”, nos possibilita perceber como as culturas, suas misturas e repercussões são imediatas e imprevisíveis. Os poetas e os artistas em geral têm portanto uma grande contribuição a nos oferecer. Sua produção artística, tem insistentemente nos alertado quanto à vocação do aprendizado do mundo, ou seja, não mais buscar a profundidade e o universal, mas pretender a diversidade, a “desmedida da desmedida”, a abertura para o “Todo-o-mundo” (GLISSANT, 2005, p. 112).

Desta forma, ao conceber a cultura e a arte produzida pelos afro-descendentes no âmbito da relação e da abertura, tratamos por reconhecê-los como agentes importantes na efetivação da liberação da opressão e do racismo que têm persistido em nossa realidade, interferindo na construção das relações de uns com os outros, pois conforme Deleuze e Guattari do ponto de vista do racismo,

(...) não existe exterior, não existe pessoas de fora. Só existem pessoas que deveriam ser como nós, e cujo crime é não o serem. A cisão não passa mais entre um dentro e um fora, mas no interior das cadeias significantes simultâneas e das escolhas subjetivas sucessivas. O racismo jamais detecta partículas do outro, ele propaga ondas do mesmo até a extinção daquilo que não se deixa identificar (ou que só se deixa identificar a partir de tal ou qual desvio). Sua crueldade só se iguala a sua incompetência ou a sua ingenuidade (1996, pp. 45-46).

No *Hip-Hop*, negros e pobres têm conseguido articular com competência a “consciência” da “imprevisibilidade” como algo positivo, ao contestar padrões, normas, e junto com eles os estereótipos e fixações éticas e estéticas. Padrões que têm ainda teimado em sobreviver nas



tentativas de standardização, na banalização presente na televisão ou na mídia, que procuram afirmar a nossa capacidade e virtuosidade de país sem divisão e opressão raciais, alimentando o mito da “mestiçagem”. Mas a mestiçagem conforme Glissant e Kabengele Munanga tem seus efeitos previsíveis, e em nosso caso o efeito calculado é o “branqueamento” da população e a negação do fenótipo negro, afetando porém, os “não-brancos” como um todo, contribuindo para a manutenção do “sortilégio da cor”<sup>5</sup> e do “círculo vicioso”<sup>6</sup> que deixam marcas profundas na estrutura social e no reconhecimento do valor das contribuições dos afro-descendentes.

Esta situação vem contribuindo para a pauperização dos afro-descendentes, com a continuidade da exploração econômica e pelo desrespeito aos afrodescendentes, enquanto pessoas dotadas de capacidade e beleza, são os traços da “colonialidade do poder” ainda presentes no mundo “pós-colonial”. Rumo à brancura processos eugênicos, mesmo não sendo manipulações diretas no sentido biológico, são disseminados simbolicamente. Banais e corriqueiras, sutis e muitas vezes nem tanto, prevalece uma visão que trata a diferença e a diversidade, índios, negros, orientais, mulheres, homossexuais, entre outros como deformação, imperfeição, fealdade, inferioridade. O exemplo concreto é o caso da manipulação das imagens dos negros na grande mídia, que à revelia da mistura afirmada pela nossa “democracia racial” propaga a higienização e eugenia simbólicas, onde os negros não são sinônimo de beleza:

Caminhar rumo à “crioulização” é chegar no lugar onde não há melhor ou pior, belo e feio, negro e branco, mas onde os valores são equivalentes. Consideramos portanto que a *cultura hip-hop* está possibilitando não apenas a ampliação da esfera pública, mas também um diálogo na construção de outras possibilidades de convivência, onde a criatividade e a invenção tem

---

<sup>5</sup> NASCIMENTO, 2003.

<sup>6</sup> SANTOS, 2001.



papéis importantes na manutenção da resistência ante o fechamento e o absoluto.

O conflito existente entre as forças estabilizadoras da “norma” presentes no “pensamento sistema”, e a desestabilização provocada pela produção cultural do *Hip-Hop*, enquanto um “pensamento rastro/resíduo” têm tramado a “Relação” a partir e entre “entidades persistentes”, neste caso as “cultura negras”, rumo à um imaginário onde possamos nos relacionar com os outros, com a “totalidade-mundo”, sem negar, ou diluirmos, permanecendo nós mesmos, mas porém, transformados pela permuta com este outro. E esses impossíveis já estão concebidos na intenção poética, como demonstramos ao longo deste trabalho. E sem incorporar essa transformação a história não contribuirá na construção de uma “nova cidadania” (KARNAL, 2004)

#### **Referências:**

BHABHA, Hommi K. O local da cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

COSTA, Sérgio. Dois Atlânticos: teoria social, anti-racismo, cosmopolitismo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

CUNHA JR., Henrique. Ver vendo, versando sem verso, escrevendo e se inscrevendo no Hip Hop. In.: *Revista Espaço Acadêmico*, Nº 31, Dezembro de 2003. Disponível em <http://www.espacoacademico.com.br>, acesso em 10/03/2005.

D'ADESKY, Jacques. Pluralismo étnico e multi-culturalismo: racismos e anti-racismos no Brasil. Rio de Janeiro: Pallas, 2005.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

GILROY, Paul. O atlântico Negro: Modernidade e dupla consciência. São Paulo: Ed. 34, 2001.



GLISSANT, Édouard. Introdução a uma poética da diversidade. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

KARNAL, Leandro. A renovação da história: ensino conseqüente. In: SERPA, Élio Cantalício *et al.* (Orgs.). Escritas da História: intelectuais e poder. Goiânia: Ed. da UCG, 2004, pp. 71-81.

MIGNOLO, Walter D. Histórias Locais/Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. O sortilégio da cor: identidade, raça e gênero no Brasil. São Paulo: Summus, 2003.

SANSONE, Livio. Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra no Brasil. Salvador: Edufba; Pallas, 2003.

SANTOS, Helio. A busca de um caminho para o Brasil: a trilha do círculo vicioso. São Paulo: Editora Senac, 2001.

TELLA, Marco Aurélio Paz. Atitude, Arte, Cultura e autoconhecimento: o rap como a voz da periferia. São Paulo: PUC\CS\DA, 2000. (Dissertação de Mestrado)